

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Globo (R.)

Class.: 319

Data 7 de setembro de 1983

Pg.:



Até macieira e esquilo estão incluídos no desenho selecionado para a mostra no Museu do Folclore

RITA KAUFFMAN

Na sexta-feira passada foi inaugurada no Museu do Folclore Edison Carneiro, do Instituto Nacional do Folclore, uma mostra tanto original quanto polêmica: "A visão estereotipada do índio no Brasil". A exposição reúne desenhos de crianças e adolescentes de 11 a 15 anos de idade, recolhidos em escolas da rede estadual e particular da cidade de São Paulo pela professora Maria Victória Machado Granero.

Dos 583 desenhos obtidos na pesquisa efetuada de 1975 a 1981, estão expostos no Museu do Folclore os 38 mais representativos da tese "A influência da cultura de massa na expressão do adolescente através dos estereótipos", defendida pela paulista Maria Victória, 35 anos, e que lhe deu o título de Mestre em Artes pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Dentre os vários desenhos, destacam-se aqueles que retratam índios de ambos os sexos em trajes de couro, muitos com olhos verdes e azuis, índias louras, de tranças, reservas indígenas com

tendas em forma de cone e cercadas por macieiras e esquilos, índios de botas no meio de cactos — enfim, trabalhos que revelam total desconhecimento das raízes nacionais. Os muitos clichês e estereótipos, segundo a pesquisadora, são o resultado da "influência da cultura de massa na expressão gráfica do adolescente". Na inauguração da mostra, declarou Maria Victória:

— A pesquisa, que continua sendo feita até hoje e já monta a quase um mil trabalhos, é realizada durante as aulas de educação artística e pedimos aos alunos que façam um trabalho individual sobre o índio brasileiro, com lápis de cera, guache ou nanquim. Enquanto os jovens desenhavam, repetimos, em voz alta, que os desenhos são sobre o índio brasileiro, para que não haja dúvidas quanto ao pedido proposto. Curiosamente, em cinco anos, nenhuma pergunta preliminar foi feita sobre tribo ou local a desenharem.

No que se refere ao conteúdo dos desenhos, diz a mestra que foram totalmente omitidos nos trabalhos traços étnicos, lugares geográficos, fatos e dados históricos tanto atuais quanto do passado, e personagens indígenas, à exceção de três referências ao Cacique Mário Ju-

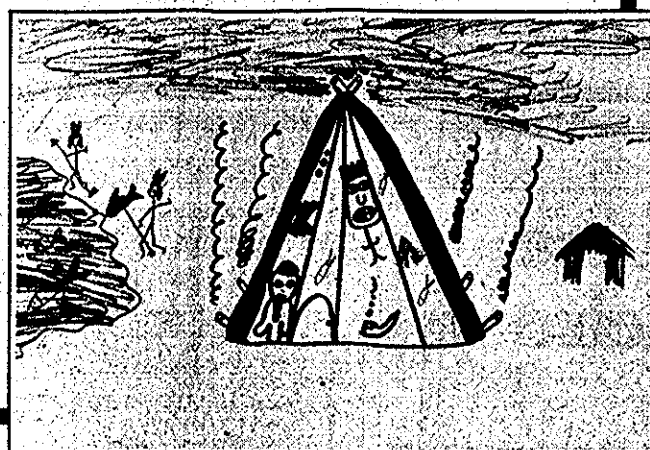
Em mostra de desenhos infantis, a visão caótica sobre o índio brasileiro

runa sendo "julgado" no Tribunal Bertrand Russel — a que ele efetivamente compareceu, porém para depor sobre as condições do índio brasileiro e não para ser julgado, e também vendendo o elixir "Atalaia Jurubeba", como na publicidade do produto. E, responsabilizando alguns meios de comunicação por essa situação caótica da visão do adolescente, Maria Victória torna a questão ainda mais polêmica ao introduzir um quarto elemento, segundo ela, canal que deveria vir em primeiro lugar: a escola e o livro didático. Diz a professora:

— Dos 89 livros didáticos que pesquisamos, muitas vezes encontramos a imagem do índio brasileiro representada de forma esquematizada, com conteúdos culturais senão falsos, distorcidos e até preconceituosos. O caricato e o humor gratuito predominam nas ilustrações e a fotografia é pouco usada. Há certos livros, como o de Reinaldo Mathias Ferreira, da Editora Ática, de 1981, página 117, para a 5ª série, em que o índio aparece com flores no cabelo, na cintura, braços e pernas, como os nativos do Taiti. Emburrado,

de pernas finas, barrigudo, boca enorme, pés grandes, sempre segurando o arco e a flecha, o índio não trabalha, só estende a mão e pega o fruto da árvore: assim é apresentado em "Isto é comunicação", de Alexandre Castello, 6ª série, Livro do Mestre, edição Ibec, página 34.

Também presentes à inauguração da exposição estavam Nobue Myazaki,



Cabana de índio inspirada no modelo norte-americano, com máscara de estilo africano

etnóloga do Museu Paulista da USP, e Maria Heloísa Feneion Costa, adjunta do Departamento de Antropologia da UFRJ, que falaram a respeito de seus trabalhos de pesquisa sobre e com o índio brasileiro, e questionaram, entre outros aspectos, a participação do professor na transmissão dos conceitos deturpados, a partir de sua própria formação sobre o índio brasileiro.

A exposição, que esteve durante o mês de maio no Museu de Artes de São Paulo (Masp), poderá ser vista até 6 de outubro no Museu Edison Carneiro (Rua do Catete 179) 179, e faz parte da programação "Museu-escola" do Instituto Nacional do Folclore, que realiza um trabalho permanente com as crianças das redes municipal e estadual do Rio, na área de artes plásticas.